

LEMURIAN TIME WAR

CCRU^{1*}

Tradução por Matheus Henrique da Mota Ferreira²

Resumo

Uma produção teórico-ficcional que infringe a divisão convencional de gêneros e convoca o próprio templex espiral descrito ao longo de suas páginas; A obra foi escrita pelo CCRU a partir da ficcionalização do relato de William Kaye sobre o envolvimento de William Burroughs em uma guerra transtemporal ocultista ao redor da escrita de Os Lêmures Fantasmas de Madagascar pelo Capitão Mission. O texto é de especial interesse pelo desenvolvimento explícito do conceito de hiperstição no interior da ciber-mito-ontologia mágico-funcionalista do CCRU.

Palavras-chave: CCRU. Hiperstição. William Burroughs. Teoria-ficção. Lêmures.

^{1*} O texto foi traduzido a partir do arquivo da *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) <<http://www.ccru.net/archive/burroughs.htm>>, já tendo sido previamente publicado pela Pluto Press em *Retaking the Universe: William S. Burroughs in the Age of Globalization* (2004).

² Licenciado em Biologia (IB/UFRJ), Mestre em História e Filosofia das Ciências (HCTE/UFRJ), Pós-graduado em Critical Philosophy (The New Centre for Research & Practice), Doutor em Filosofia (PPGF/UFRJ), e integrante do Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico Terranias (PUC-Rio). Atual membro do GT de Ontologias Contemporâneas da ANPOF. Tem se dedicado a uma pesquisa-formação transdisciplinar, incluindo temas especialmente nas ciências biológicas, ciências cognitivas, cibernética, estudos das ciências feministas, pedagogia crítica, economia & ecologia & ontologia políticas, e na teoria-ficção.

Abstract

A theoretical-fictional production that infringes on the conventional division of genres and invokes the very spiral templex described throughout its pages; the work was written by the CCRU based on the fictionalisation of William Kaye's account of William Burroughs' involvement in a trans-temporal occult war surrounding the writing of *The Ghost Lemurs of Madagascar* by Captain Mission. The text is of particular interest for its explicit development of the concept of hyperstition within the CCRU's magical-functionalist cyber-myth-ontology.

Keywords: CCRU. Hyperstition. William Burroughs. Theory-fiction. Lemurs.

GUERRA TEMPORAL LEMURIANA

O relato a seguir mostra o envolvimento de William Burroughs em uma guerra temporal oculta e excede consideravelmente as concepções mais aceitas de probabilidade social e histórica. Ele se baseia em “informações confidenciais” passadas à Ccru por um informante [*intelligence source*] que chamamos de William Kaye³. A narrativa foi parcialmente ficcionalizada para proteger a identidade desse indivíduo.

O próprio Kaye admitiu que suas experiências o tornaram propenso a “alucinações paranóico-cronomaniacas” [*paranoid-chronomaniac halluciation*], e a Ccru continua a considerar grande parte de sua história extremamente implausível⁴. No entanto, embora suspeitemos que sua mensagem tenha sido gravemente comprometida por inferências duvidosas, ruídos e desinformação, estamos cada vez mais convencidos de que ele era, de fato, um “infiltrado” [*insider*] de algum tipo, mesmo que a organização em que ele penetrou fosse uma farsa elaborada ou uma ilusão coletiva. Kaye se referia a essa organização como “A Ordem” ou – seguindo Burroughs – “A Cúpula^{NT}” [*The Board*].

³ A Ccru encontrou “William Kaye” pela primeira vez em 20 de março de 1999. Ele declarou nesse – nosso primeiro e último encontro cara a cara – que seu objetivo ao entrar em contato com a Ccru era garantir que sua história fosse “protegida contra os ataques do tempo”. A ironia não ficou imediatamente evidente.

⁴ Registramos nossos comentários, dúvidas e detalhes de sua história nas notas de rodapé deste documento.

^{NT} *The Board* é ‘a mesa diretora’, um órgão burocrático com poder de decisões de comando e controle sobre um ‘organismo’ maior. O Conselho é uma tradução possível, mas não passa o tom burocrático-conspiracionista da trama. A Diretoria ou A Direção são melhores, mas ainda remetem a um espaço semântico que parece

Quando reduzida à sua provocação básica, a alegação de Kaye era a seguinte: *Os Lêmures Fantasma de Madagascar*⁵ [*The Ghost Lemurs of Madagascar*] – ao qual ele também se referia como o *Necronomicon* de Burroughs – um texto datado de 1987, havia sido uma influência precisa e decisiva na carreira mágica e militar de um tal Capitão Mission, três séculos antes. Mission aparece nos registros históricos como um notório pirata, ativo no período em torno de 1700 d.C.; ele se tornaria famoso como o fundador da colônia anarquista de Libertatia, estabelecida na ilha de Madagascar. Kaye afirmou que havia encontrado pessoalmente evidências claras do “impacto sobre Mission” de Burroughs na biblioteca particular de Peter Vysparov, onde Kaye trabalhou a maior parte de sua vida. A coleção de Vysparov, ele afirmava inabalavelmente, continha uma antiga transcrição ilustrada de *Os Lêmures Fantasma de Madagascar*, inscrita meticulosamente pela própria mão de Mission⁶.

Kaye nos assegurou que A Cúpula considerava a “ruptura temporal demonstrável” [*demonstrable time rift*] que ele estava descrevendo como uma “questão da mais grave preocupação”. Ele explicou que a organização havia nascido em

‘escolar’. O Comitê se destacou então como talvez a melhor opção, contudo recuamos... Na estrutura de partidos políticos, no alto funcionalismo público, na Igreja ou em organizações clandestinas, a palavra ‘Cúpula’ faz bem o trabalho de apontar informalmente para o grupo que concentra tal poder de decisões. Além disso, no Rio de Janeiro, temos um exemplo bastante concreto de uma Cúpula que funciona como burocracia administrativa e oculta por trás de boa parte das atividades ilícitas da cidade: a *Cúpula do Jogo do Bicho* (um jogo no qual, infelizmente, faltam os lêmures).

⁵ Essa história foi encomendada e publicada pela *Omni Magazine* em 1987. A única restrição imposta pela revista foi que não deveria haver muito sexo. [N.A.]

⁶ Kaye foi inflexível ao afirmar que a existência desses dois textos não poderia ser atribuída nem a coincidência nem a plágio, embora seu raciocínio fosse às vezes obscuro e não totalmente persuasivo para a Ccru. A Ccru também não conseguiu rastrear exemplos da caligrafia de Mission suficientes para fornecer uma base para a identificação do manuscrito, embora Kaye tenha nos assegurado que o Museu Britânico, o Instituto Smithsonian e várias coleções particulares possuíam os documentos relevantes (apesar de negarem o fato).

reação a um pesadelo do tempo se desfazendo e – para usar suas palavras exatas – espiralando fora de controle [*spiraling out of control*]. Para A Cúpula, as espirais eram símbolos particularmente repugnantes de imperfeição e volatilidade. Ao contrário dos circuitos fechados, as espirais sempre têm pontas soltas. Isso permite que elas se espalhem, tornando-as contagiosas e imprevisíveis. A Cúpula estava contando com Kaye para conter a situação. Ele recebeu a tarefa de encerrar o *templex* espiral⁷.

Hiperstição

Vysparov havia procurado Burroughs por causa de seu evidente interesse na convergência de feitiçaria, sonhos e ficção. Nos anos imediatamente posteriores à guerra, Vysparov havia reunido o chamado Clube Cthulhu [*Cthulhu Club*] para investigar as conexões entre a ficção de H. P. Lovecraft, a mitologia, a ciência e a magia⁸, e participou no processo de formalizar a constituição da *Miskatonic Virtual University* (MVU), uma agregação frouxa de teóricos não-convencionais [*non-standard*] cujo trabalho poderia ser considerado como tendo conotações “Lovecraftianas”. O interesse pela ficção de Lovecraft foi motivado por sua exemplificação da prática da

⁷ O conceito do “templex espiral”, segundo o qual a análise rigorosa de todas as anomalias temporais escava uma estrutura em espiral, é totalmente detalhado nas palestras Miskatonic de R.E. Templeton sobre viagem no tempo transcendental. Uma breve visão geral desse material foi publicada pela Ccru como *The Templeton Episode*, em *Digital Hyperstition, Abstract Culture volume 4* (1999).

⁸ O envolvimento de Vysparov com a OTO de Aleistair Crowley e a magick thelêmica é evidente em seu tratado sobre Magia Negra Atlante (Kingsport Press, 1949). Suas investigações sobre as conexões entre os escritos de Crowley e Lovecraft parecem ter prenunciado as pesquisas de orientação semelhante de Kenneth Grant, embora não haja razão para acreditar que Grant estivesse de alguma forma ciente da síntese do *Cthulhu Club*.

hiperstição, um conceito que vinha sendo elaborado e intensamente debatido desde o início do Clube Cthulhu. Em uma definição vaga, o termo se refere a “ficções que se tornam reais [*that make themselves real*]”.

Kaye chamou a atenção da Ccru para a descrição de vírus feita por Burroughs em *Ah Pook is Here*: “E o que é um vírus? Talvez simplesmente uma série pictórica, como os glifos egípcios, que *se faz real* [*that makes itself real*]” (BURROUGHS, 1979, p.102). Os documentos que Kaye deixou para Ccru incluíam uma cópia dessa página do texto *Ah Pook*, com essas duas frases – em itálico no texto original – fortemente sublinhadas. Para Kaye, o eco da linguagem de Vysparov era “evidência inequívoca” da influência do russo no trabalho de Burroughs após 1958. Seja esse o caso ou não, essas passagens indicam que Burroughs, assim como Vysparov, estava interessado nas relações “hipersticionais” entre escrita, signos e realidade.

No modelo hipersticional delineado por Kaye, a ficção não se opõe ao real. Em vez disso, entende-se que a realidade é composta de ficções – terrenos semióticos consistentes que condicionam respostas perceptivas, afetivas e comportamentais. Kaye considerava o trabalho de Burroughs um “exemplar de prática hipersticional”. Burroughs interpretava a escrita – e a arte em geral – não esteticamente, mas funcionalmente, ou seja, magicamente, com a magia definida como o uso de signos para produzir mudanças na realidade.

Kaye sustentava que estava “longe de ser acidental” o fato de a equação de Burroughs entre realidade e ficção ter sido mais amplamente adotada apenas em seu aspecto negativo – como uma variedade de ceticismo ontológico “pós-

moderno” – e não em seu sentido positivo, como uma investigação sobre os poderes mágicos do encantamento e da manifestação: a eficácia do virtual. Para Kaye, a assimilação de Burroughs ao pós-modernismo textualista constituiu um ato deliberado de “sabotagem interpretativista”, cujo objetivo era desfuncionalizar os escritos de Burroughs, convertendo-os em exercícios estéticos de estilo. Longe de constituir uma subversão do realismo representativo, a celebração pós-moderna do texto sem um referente apenas consoma um processo que o realismo representativo havia iniciado. O realismo representativo separa a escrita de qualquer função ativa, entregando-a ao papel de refletir o mundo, não de intervir nele. É um passo curto para uma dimensão de textualidade pura, na qual a existência de um mundo independente do discurso é totalmente negada.

De acordo com Kaye, a metafísica das ficções “claramente hipersticionais” de Burroughs pode ser nitidamente contrastada com aquela operante no pós-modernismo. Para os pós-modernistas, a distinção entre real e irreal não é substantiva ou é considerada irrelevante, ao passo que para os praticantes da hiperstição, a diferenciação entre “graus de realização” é crucial. O processo hipersticional de entidades que “se fazem reais” é precisamente uma passagem, uma transformação, na qual os potenciais – virtualidades já ativas – se realizam. A escrita opera não como uma representação passiva, mas como um agente ativo de transformação e um portal [*gateway*] pelo qual as entidades podem emergir. “Ao escrever um universo, o escritor torna esse universo possível”. (BURROUGHS, 1998, p.321)

Mas essas operações não ocorrem em um território neutro, Kaye foi rápido em apontar. Burroughs trata todas as

condições de existência como resultados de conflitos cósmicos entre agências de inteligência [*intelligence agencies*] concorrentes. Ao se tornarem reais, as entidades (devem) também fabricar realidades para si mesmas: realidades cuja potência muitas vezes depende da estupefação, subjugação e escravização de populações, e cuja existência está em conflito com outros “programas de realidade”. A ficção de Burroughs renuncia deliberadamente ao status de representação plausível para operar diretamente nesse plano de guerra mágica. Enquanto o realismo apenas reproduz o programa de realidade dominante no momento a partir de dentro, sem nunca identificar a existência do programa como tal, Burroughs procura sair dos códigos de controle para dismantelá-los e reorganizá-los. Todo ato de escrever é uma operação de feitiçaria [*sorcerous operation*], uma ação partidária [*partisan*] em uma guerra em que multidões de eventos factuais são guiados pelos poderes da ilusão... (BURROUGHS, 1998, p.253-4). Até mesmo o realismo representativo participa – ainda que inconscientemente – da guerra mágica, colaborando com o sistema de controle dominante ao endossar implicitamente sua reivindicação de ser a única realidade possível.

Do ponto de vista dos controladores, disse Kaye, “é imperativo que Burroughs seja visto apenas como um escritor de ficção. É por isso que eles se esforçaram tanto para isolá-lo em um gueto de experimentação literária”.

O Universo do Deus Único/*The One God Universe*

Burroughs chama o programa de controle dominante de Universo do Deus Único [*One God Universe*], ou OGU. Ele trava uma guerra contra a ficção do OGU, que constrói

seu domínio monopolista sobre o poder mágico da Palavra: sobre a programação e a ilusão. A OGU estabelece uma ficção que opera no nível mais fatal da realidade, onde são decididas as questões sobre destino biológico e imortalidade. “As religiões são armas” (BURROUGHS, 1988, p.202).

Para operar com eficácia, a OGU deve, antes de tudo, negar a existência da própria guerra mágica. Há apenas uma realidade: a sua própria. Ao escrever sobre a guerra mágica, Burroughs já está, portanto, iniciando um ato de guerra contra a OGU, transformando [*mainlining*^{NT}] a contestação em “unidade primordial” [*primal unity*]. A OGU incorpora todas as ficções concorrentes em sua própria história (a metanarrativa definitiva), reduzindo os sistemas de realidade alternativos a componentes marcados negativamente de sua própria mitologia [*mythos*]: outros programas de realidade tornam-se o Mal, associados aos poderes de engano e ilusão. O poder do OGU funciona por meio de ficções que repudiam seu próprio status ficcional: antificções e não-não-ficções [*unnonfictions*]. “E é por isso”, disse Kaye, “que a ficção pode ser uma arma na luta contra o Controle”.

No OGU, a ficção é contida com segurança por um “enquadramento” [*frame*] metafísico, delimitando

^{NT} *Mainlining* é uma *main line* pode ser uma via central ou, no contexto anatômico, uma veia ou vaso principal do sistema circulatório. *To mainline*, transformado em verbo, pode se referir tanto a tornar algo popular ou hegemônico [*mainstream*], ou ao ato de injetar drogas intravenosas (se injeta uma substância em um vaso importante, em uma *main line*). Ao que parece, por derivação desse uso informal, *mainline* passou também a ser usado para se referir a comportamentos associados a adições (tomar ou consumir grandes quantidades de uma substância ou produto). De forma interessante, o uso referente a tornar popular/*mainstream* se refere a um resultado, enquanto o segundo se refere a uma forma da ação que pode ter o mesmo tipo de resultado (ao injetar a substância no sistema, ela se torna hegemônica, passa a ditar seu funcionamento padrão). Não parece coincidência o uso do termo em um texto da Ccru sobre a obra de Burroughs, uma vez que o tema aparece na obra do autor (para além da estética *junkie cyberpunk* que aproxima figuras da alta tecnologia e da inserção em mundos virtuais com o vício em injetáveis que facilitariam a conexão neuro-cibernética entre o usuário e o sistema maquínico ao qual este pretende se conectar).

profilaticamente todo o contato entre a ficção e o que está fora dela. A função mágica das palavras e dos signos é tanto condenada como maligna, quanto declarada ilusória, facilitando o monopólio do poder mágico da linguagem pelo OGU (que, obviamente, nega que sua própria mitologia exerça qualquer influência mágica, apresentando-a como uma simples representação da Verdade). Mas a confiança da OGU de que a ficção foi contida com segurança significa que os agentes anti-OGU podem usar a ficção como uma linha oculta de comunicação e uma arma secreta: “ele escondeu e revelou o conhecimento em forma de ficção” (BURROUGHS, 1998, p.455).

Isso, para Kaye, era “uma fórmula para a prática hipersticional”. Diagramas, mapas, conjuntos de relações abstratas, jogadas táticas, são tão reais em uma ficção sobre uma ficção sobre uma ficção, quanto quando são encontrados em estado bruto, mas submeter esse contrabando semiótico a múltiplas implantações [*embeddings*] permite um tráfico de materiais para decodificar a realidade dominante que, de outra forma, seria proibido. Em vez de atuar como telas transcendentais, bloqueando o contato entre si e o mundo, a ficção atua como uma caixa chinesa, um recipiente para intervenções mágicas no mundo. O enquadramento é tanto usado (para ocultação) quanto quebrado (as ficções potencializam as mudanças na realidade).

Enquanto a agitação hipersticional produz uma “descrença positiva” – uma provisionalização de qualquer enquadramento [*frame*] de realidade em nome do engajamento pragmático, em vez da hesitação epistemológica – o OGU se alimenta da crença. Para funcionar, é preciso acreditar na história que comanda [*runs*] a realidade, o que também significa dizer que a existência de um programa de

controle que determina a realidade não deve ser suspeitada ou acreditada. A credulidade diante da metanarrativa do OGU está inevitavelmente associada à recusa em aceitar que entidades como o Controle tenham qualquer existência substancial. É por isso que, para sair do OGU, o abandono sistemático de todas as crenças é um pré-requisito. “Somente aqueles que conseguem deixar para trás tudo em que sempre acreditaram podem ter esperança de escapar”. (BURROUGHS, 1988, p.116) As técnicas de fuga dependem de alcançar a descrença do místico-assassino [*assassin-magician*] Hassan i Sabbah: nada é verdade, tudo é permitido. Mais uma vez, Kaye advertiu que isso deve ser cuidadosamente diferenciado do “relativismo pós-moderno”. O “nada é verdade” de Burroughs-Sabbah não pode ser equiparado ao “nada é real” do pós-modernismo. Pelo contrário: nada é verdade porque não há uma versão única e autorizada da realidade – em vez disso, há uma superfluidade, um excesso de realidades. “O plano de jogo do Adversário é persuadi-lo de que ele não existe.” (BURROUGHS, 1988, p.12)

Kaye e Burroughs

A história de Kaye começou no verão de 1958, quando seu empregador, Peter Vysparov, conheceu William Burroughs enquanto conduzia investigações ocultistas em Paris⁹. Como resultado desse encontro, Kaye foi apresentado a Burroughs em 23 de dezembro do mesmo ano, na biblioteca particular de Vysparov em Nova York.

⁹ Kaye insistiu, com base em motivos que ele se recusou a divulgar, que essa reunião não foi um encontro casual, mas que, de alguma forma, foi orquestrada pela Ordem.

O material documental público deixa claro que Burroughs residia predominantemente em Paris e Londres nessa época. Ccru não encontrou evidências de nenhuma viagem aos EUA, embora sua biografia não seja suficientemente abrangente para descartar com segurança uma excursão a Nova York. No entanto, não há dúvida de que, logo após o inverno de 1958, Burroughs começou a escrever de forma enigmática sobre visões, “fenômenos paranormais”, um encontro com seu duplo e trabalhos com técnicas^{NT} de *cut-up*¹⁰.

Enquanto Burroughs vasculhava a incomparável coleção de obras ocultas raras da biblioteca, fez uma descoberta que o envolveu em uma radical e aparentemente ininteligível desordem de tempo e identidade. O gatilho foi seu encontro com um texto que ele ainda estava por compor: “um velho livro ilustrado com litografias com bordas douradas, papel vegetal sobre cada figura, *Os Lêmures Fantasmáticos de Madagascar* em escrita dourada” (BURROUGHS, 1987, p.54). Ele não poderia saber que o Capitão Mission havia levado o mesmo volume como seu guia três séculos antes (já o descrevendo como “antigo”).

Ao folhear as páginas, Burroughs entrou em um estado de transe catatônico momentâneo. Ele saiu desorientado e mal conseguia ficar de pé. Apesar de sua confusão, ele estava mais do que disposto a descrever, com um estranho distanciamento sardônico, o episódio anômalo¹¹.

^{NT} A técnica de recorte/*cut-up* é ‘literalmente’ uma prática de recorte e colagem de trechos de um texto de modo a produzir um rearranjo narrativo cujas consequências são incorporadas ao desenvolvimento da trama. A técnica é associada originalmente aos dadaístas, mas foi longamente usada e experimentada por William Burroughs em seus escritos.

¹⁰ Veja as cartas de Burroughs de janeiro de 1959.

¹¹ Kaye observou que tanto Vysparov quanto Burroughs tinham sido mutuamente francos sobre suas respectivas experiências de “natureza místico-transcendental”.

Vinte e nove anos se passariam até que Kaye entendesse o que havia acontecido.

Burroughs disse a Kaye que, durante o transe, sentiu como se uma comunicação silenciosa com um companheiro fantasmagórico não humano o tivesse transportado para sua vida como um homem idoso, várias décadas no futuro. Oprimido por “uma sensação esmagadora de destino implacável, como se fragmentos de uma dimensão temporal congelada cascadeassem até a superfície de sua consciência”, ele “lembrou-se” de ter escrito *Os Lêmures Fantasma de Madagascar* – “embora não estivesse escrevendo exatamente”, e seus instrumentos de escrita eram arcaicos, pertencentes a outra pessoa, em outro lugar e época.

Mesmo após sua recuperação, a sensação de opressão persistiu, como uma “nova dimensão da gravidade”. A visão havia lhe concedido “um insight horrível da mente aprisionante do Deus Único”. Ele estava convencido de que o conhecimento era “perigoso” e que “forças poderosas estavam conspirando contra ele”, que os “irmãos invisíveis estavam invadindo o tempo presente” (BURROUGHS, 1998, p.220). O episódio aguçou sua já vívida impressão de que o animal humano está cruelmente enjaulado no tempo por um poder alienígena [*alien power*]. Relembrando o fato mais tarde, ele escreveria: “O tempo é uma aflição humana; não uma invenção humana, mas uma prisão” (BURROUGHS, 1991, p.16-17).

Embora não haja nenhuma evidência histórica direta que apoie a descrição dos eventos feita por Kaye, o período imediato após o “episódio” de 1958 fornece evidências sintomáticas convincentes de uma transformação nas

Embora essa abertura pareça ir contra o espírito hermético da ciência oculta, Kaye a descreveu como “surpreendentemente comum entre os mágicos”.

estratégias e preocupações de Burroughs durante esse período. Foi então que a escrita de Burroughs passou por uma mudança radical de direção, com a introdução de técnicas experimentais cujo único objetivo era escapar das amarras do já-escrito, traçando uma fuga do destino. O papel de Gysin na descoberta desses recortes [*cut-ups*] e dobras [*fold-ins*] é bem conhecido, mas a história de Kaye explica a urgência especial com que Burroughs começou a empregar esses novos métodos no final de 1958. Os recortes e as dobras eram “táticas inovadoras de guerra temporal”, cuja função era subverter os fundamentos do universo pré-gravado¹². “Corte as Linhas de Palavras [*Word Lines*] com tesouras ou canivetes, como preferir As Linhas de Palavras mantêm você no tempo...” (BURROUGHS, 1998, p.270).

A adoção dessas técnicas por Burroughs foi, segundo Kaye disse à Ccru, “um dos primeiros efeitos (se é que se pode falar de maneira tão vaga) do trauma temporal [*time-trauma*]”. Naturalmente, Kaye atribui a intensa antipatia de Burroughs pela pré-gravação [*prerecording*] – um tema persistente em sua ficção após Almoço Nu [*Naked Lunch*] – às suas experiências na biblioteca de Vysparov. A “revelação cósmica” na biblioteca produziu em Burroughs “um horror tão profundo” que ele dedicaria o resto de sua vida a planejar e propagar rotas de fuga das “salas de reuniões [*board rooms*] e bancos de tortura do tempo” (BURROUGHS, 1965, p.33). Muito mais tarde, Burroughs descreveria uma sensação esmagadora de inevitabilidade, de que a vida estava sendo planejada

¹² Burroughs descreveu seus métodos de produção – cortes/*cut-ups* e dobras/*fold-ins* – como uma tecnologia de viagem no tempo codificada como uma passagem através de magnitudes decimais: “Pego a página um e a dobro na página cem – insiro o composto resultante como página dez – Quando o leitor lê a página dez, ele está avançando no tempo para a página cem e voltando no tempo para a página um” (BURROUGHS, 1998, p.272).

antecipadamente por entidades malignas: “os guardiões do futuro se reúnem. Guardiões dos Livros da Cúpula [*Keepers of the Board Books*]: *Mektoub*^{NT}, está escrito. E eles não querem que seja mudado”. (BURROUGHS, 1991, p.8)

Foi logo após o episódio na biblioteca de Vysparov que Burroughs mostrou os primeiros sinais de um apego aparentemente aleatório aos lêmures, cujas implicações decisivas levaram várias décadas para aparecer.

Burroughs não tinha certeza de quem o estava comandando, como “um espião no corpo de outra pessoa, onde ninguém sabe quem está espionando quem” (BURROUGHS, 1998, p.xxviii). Até o final de sua vida, ele lutou contra a “Coisa dentro dele. O Espírito Feio [*Ugly Spirit*]” (BURROUGHS, 1991, p.48), observando que: “Vivo com a ameaça constante de possessão e uma necessidade constante de escapar da possessão, do Controle”. (BURROUGHS, 1998, p.94)

Escapando do Controle

Na mitologia de Burroughs, o OGU surge quando o MU (o Universo Mágico/*Magical Universe*) é violentamente derrubado pelas forças do monopólio (BURROUGHS, 1988, 113). O Universo Mágico é povoado por muitos deuses, eternamente em conflito: não há possibilidade de uma Verdade unitária, pois a natureza da realidade é constantemente contestada por entidades heterogêneas cujos interesses são radicalmente incomensuráveis. Enquanto a ficção monoteísta fala de uma secessão rebelde do Um primordial, Burroughs descreve o Um iniciando uma guerra contra os Muitos:

^{NT} *Mektoub*, palavra árabe para destino que aparece associada a ensinamentos islâmicos sobre pré-destinação, sobre aquilo que já estaria escrito no ‘livro da vida’ de alguém desde antes de seu nascimento.

Eram tempos conturbados. Havia guerra nos céus, pois o Deus Único tentava exterminar ou neutralizar os Muitos Deuses e estabelecer uma sede [*seat*] absoluta de poder. Os sacerdotes estavam se alinhando de um lado ou de outro. A revolução estava se espalhando pelo sul, vindo do leste e dos desertos do oeste”. (BURROUGHS, 1988, p.101)

OGU é “antimágico, autoritário, dogmático, o inimigo mortal daqueles que estão comprometidos com o universo mágico, espontâneo, imprevisível, vivo. O universo que eles estão impondo é controlado, previsível, morto”. (BURROUGHS, 1988, p.59) Esse universo dá origem aos paradoxos sombrios [*dreary*] – tão familiares à teologia monoteísta – que necessariamente acompanham a onipotência e a onisciência.

“Considere o Universo do Deus Único: OGU. O espírito recua horrorizado diante de um impasse tão mortal. Ele é todo-poderoso e onisciente. Como Ele pode fazer tudo, Ele não pode fazer nada, pois o ato de fazer exige oposição. Ele sabe tudo, portanto, não há nada para Ele aprender. Ele não pode ir a lugar algum, pois já está em toda porra de lugar [*fucking everywhere*], como merda de vaca em Calcutá. ... O OGU é um universo pré-gravado no qual Ele é o gravador”. (BURROUGHS, 1988, p.113)

Para Kaye, a superioridade da análise do poder de Burroughs – em relação à crítica ideológica “trivial” – consiste em sua ênfase repetida na relação entre os sistemas de controle e a temporalidade. Burroughs é enfático, obsessivo: “No

Tempo, qualquer ser que seja espontâneo e vivo murchará e morrerá como uma piada velha.” (BURROUGHS, 1988, p.111)

“Um impasse básico de todas as máquinas de controle é este: Controle precisa de tempo no qual possa exercer o controle.” (BURROUGHS, 1998, p.339) As codificações de controle do OGU excedem em muito a manipulação ideológica, se aproximando mais de uma programação cósmica da realidade [*cosmic reality programming*], porque – no limite – “o Deus Único é o Tempo” (BURROUGHS, 1988, p.111). A presunção do tempo cronológico está inscrita no organismo no nível mais básico, em seus comportamentos habituais inconscientemente executados:

“O tempo é aquilo que termina. O tempo é o *tempo limitado* vivenciado por uma criatura senciente. Senciente do tempo, isto é, fazendo ajustes ao tempo nos termos do que Korzybski chama de comportamento de intenção neuro-muscular, em relação ao ambiente como um todo... Uma planta se volta para o sol, um animal noturno se agita ao pôr do sol... caga, mijá, se move, come, fode, morre. Por que o Controle precisa de humanos?

O Controle precisa de tempo. O Controle precisa de tempo humano. O Controle precisa de sua merda mijá dor orgasmo morte”. (BURROUGHS, 1979, p.17)

O poder opera de forma mais eficaz não persuadindo a mente consciente, mas delimitando antecipadamente o que é possível experienciar. Ao formatar os processos biológicos mais básicos do organismo em termos de temporalidade, o Controle garante que toda a experiência humana seja de – e no – tempo. É por isso que o tempo é uma “prisão” para os seres humanos. “O homem nasceu no tempo. Ele vive e morre no tempo. Para onde quer que vá, ele leva o tempo consigo e o impõe”. (BURROUGHS, 1991, p.17) A

definição de Korzybski do homem como o “animal temporalmente-vinculativo [*time-binding animal*]^{NT}” tem um duplo sentido para Burroughs. Por um lado, os seres humanos estão amarrando [*binding*] o tempo para si mesmos: eles “podem disponibilizar informações durante qualquer período de tempo para outros homens por meio da escrita”. (BURROUGHS, 1991, p.66) Por outro lado, os seres humanos estão se prendendo [*binding themselves*] ao tempo, construindo mais da prisão que restringe seus afetos e percepções. “As palavras de Korzybski adquiriram um novo e horrível significado para Burroughs na biblioteca”, disse Kaye, “ele viu o que era de fato a amarração do tempo [*time-binding*]: todos os livros, já escritos, o tempo preso [*time bound*] para sempre”.

Como a escrita costuma funcionar como o principal meio de “vincular o tempo [*time-binding*]”, Burroughs raciocinou que a inovação de técnicas de escrita desvincularia

^{NT} O animal temporalmente-vinculativo/*time-binding animal* é uma expressão especialmente difícil de traduzir. A *bind* é uma amarra, uma ligação ou conexão que prende uma coisa a outra. *To bind* é amarrar, prender, ligar, vincular, mas também, com uma conotação jurídica, é obrigar; e, com uma conotação ‘bibliográfica’, é encadernar, encapar um livro, unir folhas para criar uma obra escrita. *Bound*, o particípio do verbo, é amarrado ou vinculado ou obrigado (*legally bound*, legalmente obrigado ou juridicamente vinculado), mas também preso, como quem não pode se mover ou que está ‘limitado’ (*a boundary* é um limite). O animal duplamente vinculado ao tempo, portanto, é o animal que prende/vincula/amarra/encaderna o tempo através de suas tecnologias de registro e gravação (como os livros), fechando um circuito de tempo-informação em uma unidade móvel que pode ser passada entre gerações para, então, ser novamente lida, reiniciando aquele circuito informacional amarrado/encadernado/*bound* muito tempo atrás na forma de um livro. E é também o animal que se prende ao tempo, pois, existindo sempre temporalmente, produz e se reproduz no interior da estrutura temporal, sempre vinculado a esta, sempre preso/*bound* a suas formas de controle e programação. *The time-binding animal* amarra o tempo e se amarra ao tempo, mas também, em sua existência sob seu Controle (ou sob seu programa cósmico) é o animal *vinculado às leis do tempo*, o animal obrigado a segui-las por seu *binding effect* (seu efeito vinculante, ‘jurídica’, biológica, fisicamente); também é o animal que, ao depender existencialmente da amarração- ou vinculação-temporal (*time-binding*), precisa exercer sobre si mesmo e seus conspecíficos o poder temporalmente vinculante (*time-binding power*). Por isso também Burroughs se horroriza diante da biblioteca com todos os livros já escritos, com todos os acontecimentos já sob o domínio vinculante do tempo, com o próprio tempo já preso/*bound* nas amarras que o costuram aos/nos livros (um circuito temporal preso em uma unidade cuja escrita o lineariza).

[*would unbind*] o tempo, esburacando o “pré-envio [*pre-sent*, o presente pré-escrito e pré-enviado]” da OGU e abrindo o Espaço. “Corte as Linhas de Palavras com tesouras ou canivetes, como preferir As Linhas de Palavras mantêm você no tempo... Corte as linhas de entrada... Faça linhas de saída para o Espaço”. (BURROUGHS, 1998, p.270) O Espaço deve ser entendido não como uma extensão empírica, muito menos como um dado transcendental, mas no sentido mais abstrato, como a zona de potencialidades ilimitadas [*unbound*] que está além do alcance do já-escrito do OGU.

“Você pode ver que a escrita de Burroughs envolve os maiores riscos possíveis”, escreveu Kaye. “Ela não representa uma guerra cósmica: ela já é uma arma nessa guerra. Não é de surpreender que as forças contra ele – as muitas forças mobilizadas contra ele, não se pode superestimar a influência delas neste planeta – tenham procurado neutralizar essa arma. Era uma questão da maior urgência que suas obras fossem classificadas como fantasias, Dadá experimental, qualquer coisa, menos que fossem reconhecidas como o que são: tecnologias para alterar a realidade”.

A Fenda/*The Rift*

Por quase trinta anos, Burroughs procurou fugir do inevitável. No entanto, vários sinais indicam que, no final da década de 1980, o Complexo de Controle estava se rompendo, redirecionando a fuga de Burroughs do destino pré-gravado para um abismo de sina incerta que ele passou a chamar de “a Fenda”.

Kaye sempre afirmou que qualquer tentativa de datar o encontro de Burroughs com a Fenda envolvia um

equivoco fundamental. No entanto, seu próprio relato desse “episódio” enfatizou repetidamente a importância do ano de 1987, uma data que marcou um período de transição radical: o “olho” de um “*templex* espiral”. Foi nessa época que o trauma obscuro da biblioteca de Vysparov voltou com força total, saturando os sonhos e os escritos de Burroughs com visões de lêmures, fantasmas da Terra dos Mortos.

1987 foi o ano em que Burroughs visitou o Centro de Conservação de Lêmures da Universidade Duke, consolidando uma aliança com os primatas não-antropóides, ou prossímios¹³. Em *The Western Lands* – que Burroughs estava escrevendo durante esse ano – ele comenta que: “Ao ver o Lêmure Negro, com olhos vermelhos redondos e uma pequena língua vermelha protuberante, o escritor sente um prazer quase doloroso” (BURROUGHS, 1988, p.248). Mais importante ainda, foi em 1987 que a revista *Omni* encomendou e publicou o conto de Burroughs *Os Lêmures Fantasmas de Madagascar*, um texto que impulsionou toda a sua existência na Fenda das Guerras Temporais Lemurianas.

Já há algum tempo, as suspeitas de Kaye haviam sido despertadas pela atitude cada vez mais obsessiva de Burroughs em relação a seus gatos. Sua devoção por Calico, Fletch, Ruski e Spooner¹⁴ exibiu uma profunda resposta

¹³ Há duas subordens de primatas, os antropóides (que consistem em macacos, símios e humanos) e os prossímios, que incluem os lêmures de Madagascar, os lóris asiáticos, os gálagos australianos (ou *bushbabies*) e os tãrsios das Filipinas e da Indonésia. Os prossímios constituem um ramo da evolução distinto e “mais antigo” do que os antropóides. Fora de Madagascar, a concorrência dos antropóides levou todos os prossímios a um modo de existência noturno.

¹⁴ A extensão da ligação de Burroughs com seus companheiros felinos é evidenciada por suas últimas palavras, conforme registradas em seus diários: “Nada é. Não há sabedoria ou experiência final suficiente – nenhuma merda qualquer [*any fucking thing*]. Não há Santo Graal. Nenhum *Satori* Final, nenhuma solução final. Apenas conflito. A única coisa que pode resolver conflitos é o amor, como eu sentia por Fletch e Ruski, Spooner e Calico. Amor puro. O que eu sinto por meus gatos do presente e do passado” (BURROUGHS, 2000, p.253).

biológica que era a exata inversão de sua repulsa instintiva por centopeias. Sua libidinal “conversão a um homem dos gatos [cat man]” (BURROUGHS, 1998, p.506) também acompanhou e influenciou uma desilusão cada vez mais profunda com a função da sexualidade humana, o vício do orgasmo e a conspiração venusiana.

“Os gatos podem ser meu último elo vivo com uma espécie em extinção” (BURROUGHS, 1998, p.506), escreveu Burroughs em seu ensaio *The Cat Inside*. Para Kaye, era evidente que esse apego intensificante aos felinos domésticos fazia parte de uma corrente mais básica, tipificada por uma familiarização íntima com o “espírito do gato” ou sua “criatura” que participa de muitas outras espécies, incluindo “guaxinins, furões, ... gambás” (BURROUGHS, 1981, p.244) e numerosas variedades de lêmures, como o “lêmure-gato-de-cauda-anelada” (BURROUGHS, 1991, p.3), o lêmure-sifaka ... lêmure-rato (ibid., p.4) e, finalmente, “o gentil lêmure-cervo” (ibid., p.18). Como seres iniciáticos, familiares mediúnicos ou guardiões das portas do oculto, esses animais levaram Burroughs a paisagens lemurianas perdidas e ao seu duplo, o Capitão Mission.

Kaye desdenhava de todos os relatos críticos que tratavam Mission como um avatar literário, “como se Burroughs fosse basicamente um romancista experimental”. Ele sustentava que a relação entre Burroughs e Mission não era a de autor para personagem, mas sim a de “contemporâneos anacrônicos”¹⁵, unidos em um nó de “fatos definidos, mas cognitivamente angustiantes”. Desses “fatos”, nenhum era

¹⁵ A Ccru nunca esteve totalmente confiante quanto ao significado exato desse pronunciamento. Kaye parecia estar sugerindo que Mission e Burroughs eram a mesma pessoa, presos no vórtice de um misterioso “intercâmbio de personalidades” que não poderia ser resolvido no interior do tempo [*within time*]. [N.A.]

mais repugnante para a racionalidade humana comum do que seu envolvimento mútuo com *Os Lêmures Fantasmas de Madagascar*.

“Oferecemos refúgio a todas as pessoas em todos os lugares que sofrem com a tirania dos governos” (BURROUGHS, 1981, p.265), declarou Mission¹⁶. Essa declaração foi suficiente para despertar o interesse hostil dos Poderes Constituídos [*the Powers That Be*], embora, do ponto de vista da Cúpula, até mesmo a carreira pirata de Mission fosse uma transgressão relativamente trivial. Sua principal preocupação era “um perigo mais significativo (...) a preocupação pouco saudável do Capitão Mission com *lêmures*” (BURROUGHS, 1987, p.52).

“Mission estava passando cada vez mais tempo na selva com seus lêmures” (BURROUGHS, 1991, p.11) – os fantasmas de um continente perdido – entrando em distúrbios temporais e padrões espirais. Os lêmures tornaram-se seus companheiros de sono e de sonhos. Ele descobriu, por meio dessa espécie morta e moribunda, que a chave para escapar do controle é tomar a iniciativa – ou a pré-iniciativa – interligando-se com os Antigos [*Old Ones*].

“O povo lemuriano é mais antigo que o Homo Sap, muito mais antigo. Eles datam de cento e sessenta milhões de anos atrás, da época em que Madagascar se separou do continente africano. Eles podem ser chamados de anfíbios psíquicos, ou seja, visíveis apenas por curtos períodos quando assumem uma forma sólida para respirar, mas alguns deles podem permanecer no

¹⁶ Burroughs escreve sobre Madagascar como “um vasto santuário para os lêmures e para os delicados espíritos que respiram através deles...” (BURROUGHS, 1991, p.16). Essa convergência de refúgio ecológico e político fascinou Kaye, que em várias ocasiões observou que o número para Refúgio no Thesaurus de Roget é 666. A relevância desse ponto ainda escapa em grande medida ao Ccru. [N.A.]

estado invisível por anos a fio. Sua maneira de pensar e sentir é basicamente diferente da nossa, não orientada para o tempo, a sequência e a causalidade. Eles acham esses conceitos repugnantes e difíceis de entender”. (BURROUGHS, 1987, p.54).

A Cúpula concebeu o envolvimento de Mission com lêmures, seus experimentos de feitiçaria temporal e seu emaranhamento anacrônico com Burroughs como uma única ameaça intolerável. “Em um universo pré-gravado e, portanto, totalmente previsível, o pecado mais grave é adulterar a pré-gravação, o que poderia resultar na alteração do futuro pré-gravado. O Capitão Mission era culpado desse pecado” (BURROUGHS, 1987, p.52).

“Agora mais lêmures aparecem, como em um quebra-cabeça” (BURROUGHS, 1991, p.15). Os lêmures são habitantes das Terras Ocidentais, a “grande ilha vermelha” (BURROUGHS, 1991, p.116) de Madagascar, que Mission conhecia como Lemúria Ocidental¹⁷, “A Terra do Povo Lêmure”

¹⁷ As consistências intrigantes entre rochas, fósseis e espécies animais encontradas no sul da Ásia e no leste da África levaram os paleontólogos e geólogos do século XIX a postular uma massa de terra perdida que conectou as duas regiões agora separadas. Essa teoria foi vigorosamente apoiada por E. H. Haeckel (1834-1919), que a utilizou para explicar a distribuição de espécies relacionadas aos lêmures no sul da África, no sul e no sudeste da Ásia.

Com base nisso, o zoólogo inglês Phillip L. Sclater (1829-1913) batizou o continente hipotético de Lemúria, ou Terra dos Lêmures. Os lêmures são tratados como vestígios [*relics*] ou remanescentes biológicos de um continente hipotético: fantasmas vivos de um mundo perdido.

O investimento teórico de Haeckel na Lemúria, entretanto, foi muito além disso. Ele propôs que o continente inventado era o provável berço da raça humana, especulando que ele fornecia uma solução para o mistério darwiniano do “elo perdido” (a ausência de espécies imediatamente pré-humanas no registro fóssil). Para Haeckel, a Lemúria era o lar original do homem, o “verdadeiro Éden”, cujos vestígios haviam sido submergidos pelo seu desaparecimento. Ele considerou que a unidade biológica da espécie humana havia se perdido desde então (desintegrando-se em doze espécies distintas).

Como conjectura científica, a Lemúria foi enterrada pelo progresso científico. Os paleontólogos não só eliminaram amplamente o problema do elo perdido por meio de descobertas adicionais, mas a ciência da tectônica de placas também substituiu a noção de “continentes submersos” pela noção de deriva continental [*continental drift*].

(BURROUGHS, 1965, p.98), um Oeste Selvagem [*Wild West*]. Foi na ilha de Madagascar que o Capitão Mission descobriu que “a palavra ‘lemur’ significava ‘fantasma’ na língua nativa” (BURROUGHS, 1991, p.2) – assim como os antigos romanos falavam de *lemures*, espectros ou sombras dos mortos¹⁸.

Agora contornada pela racionalidade convencional como uma ficção científica ou um mito accidental, a Lemúria submerge em profundezas obscuras mais uma vez.

N.T.: Como conceito biológico, a palavra *relic* (ou *relict*) é frequentemente traduzida por relicto: um organismo que em eras passadas foi abundante em um território amplo e que agora encontra-se apenas em pequenas áreas deste território; ou uma espécie encontrada em uma localidade específica e circundada por vários trechos de outro ecossistema.

¹⁸ No final do século XIX, a Lemúria foi avidamente apropriada pelos ocultistas, que, assim como seus primos cientistas, a incorporaram em elaboradas teorias evolucionárias e raciais. Em *The Secret Doctrine* (1888), um comentário sobre o *Atlantean Book of Dzyan*, H.P. Blavatsky descreve a Lemúria como o terceiro em uma sucessão de continentes perdidos. Ela é precedida por Polarea e Hiperbórea e seguida pela Atlântida (que foi construída a partir de um fragmento da Lemúria Ocidental). A Atlântida precede imediatamente o mundo moderno, e dois outros continentes ainda estão por vir. De acordo com a ortodoxia teosófica, cada um desses “continentes” é o aspecto geográfico de uma época espiritual, proporcionando um lar para a série de sete “Raças-Raiz [*Root-races*]”. O nome de cada continente perdido é usado de forma ambígua para designar tanto o território central da raça-raiz dominante daquela época, quanto a distribuição geral da massa terrestre durante aquele período (neste último aspecto, pode até ser visto como consistente com a deriva continental/*continental drift* e, portanto, como mais desenvolvida do que a concepção científica original).

L. Sprague de Camp (1954) descreve a terceira raça-raiz de Blavatsky, os “lemurianos hermafroditas, antropóides ovíparos [*ape-like egg-laying*], alguns com quatro braços e outros com um olho na parte de trás da cabeça, cuja queda foi causada por sua descoberta do sexo”. Há um amplo consenso entre os ocultistas de que o olho posterior dos lemurianos persiste vestigialmente como a glândula pineal humana.

W. Scott Elliot acrescenta que os lemurianos tinham “pés enormes, com os calcanhares tão salientes que podiam andar tão facilmente para frente quanto para trás”. De acordo com seu relato, os lemurianos descobriram o sexo durante o período da quarta sub-raça, cruzando com animais e produzindo os grandes símios. Esse comportamento repugnou os espíritos transcendentais, ou “Lhas”, que deveriam encarnar nos lemurianos, mas que agora se recusavam. Os venusianos se ofereceram para tomar o lugar dos Lhas e também ensinaram aos lemurianos vários segredos (inclusive os da metalurgia, tecelagem e agricultura).

Rudolf Steiner também era fascinado pelos lemurianos, observando em seu livro *Atlantis and Lemuria* (1911) que: “Essa Raça-Raiz como um todo ainda não havia desenvolvido a memória”. O “lemuriano era um mágico nato”, cujo corpo era menos sólido, plástico e “não-estabilizado [*unsettled*]”.

Mais recentemente, a Lemúria tem se mesclado cada vez mais com o continente perdido de Mu, no Pacífico, do coronel James Churchward, derivando constantemente para o leste até que mesmo partes da Califórnia moderna tenham sido assimiladas a ele.

Embora Blavatsky dê a Sclater o crédito como fonte original do nome Lemúria, não deve ter passado despercebido por ela, ou por seus colegas ocultistas, que Lemúria era um nome para a terra dos mortos, ou as Terras Ocidentais. A palavra Lemur é derivada do latim *lemure*, literalmente: sombra dos mortos. Os romanos concebiam

Em sua viagem conjunta pelo continente fantasma da Lemúria, interligados por lêmures, Mission e Burroughs encontram a “imortalidade” por meio do envolvimento com as populações nativas da não-vida [*unlife*]. Ao descrever esse processo, Kaye deu ênfase especial à visita de Burroughs em 1987 ao Centro de Lêmures da Universidade Duke. Foi essa colônia de lêmures que apresentou Burroughs à “bolsa temporal [*time pocket*]” lemuriana ocidental (BURROUGHS, 1991, p.15), exatamente no momento em que o “Capitão Mission estava se afastando cada vez mais rápido, preso em uma vasta correnteza do tempo. ‘Fora, e pra baixo, e fora, e fora’, uma voz repetia em sua cabeça”. (BURROUGHS, 1991, p.17). *Se a viagem no tempo acontece alguma vez, ela sempre acontece.*

Ele se encontra no portal, dentro da “antiga estrutura de pedra” (BURROUGHS, 1987, p.50) com o lêmure que é “seu espectro [*phantom*], seu Fantasma [*Ghost*]” (ibid., p.52), sentado em uma mesa de escrever (“com tinteiro, pena, canetas, pergaminho” (ibid., p.52)). Ele usa uma droga nativa para explorar o portal. Quem o construiu? Quando? A história chega até ele em uma visão temporalmente defeituosa [*time-faulted*], transmitida em hieróglifos. Ele “escolhe uma caneta de pena” (ibid., p.52).

É difícil descrever de onde vem o texto, mas ele está lá: “um antigo livro ilustrado com litografias de bordas douradas, papel vegetal sobre cada imagem, *Os Lêmures Fantasmas de Madagascar* em letras douradas”(BURROUGHS, 1987, p.52). A visão ecoa ou se sobrepõe, ondas

os *lemures* como fantasmas-vampiros, apaziguados por um festival em maio. Nesse sentido, Eliphas Levi escreve (em sua *History of Magic*, 1922) sobre “Larvas e lêmures, imagens sombrias de corpos que viveram e daqueles que ainda estão por vir, emitidas desses vapores por miríades...”.

temporalmente-geminadas [*time-twinning*] onde Mission e Burroughs coincidem. Eles copiam uma invocação ou convocação, uma inovação *templex* conjunta que antecede a divisão entre criação e registro, remontando a “antes do aparecimento do homem na Terra, antes do início do tempo”. (BURROUGHS, 1991, p.15).

“Quando anexado à África, Madagascar era a última massa de terra, destacando-se como um tumor desordenado cortado por uma fenda [*rift*] de contornos futuros, essa longa fenda como uma vasta indentação, como a fissura [*cleft*] que divide o corpo humano” (BURROUGHS, 1991, p.16).

Eles se sentem lançados 160 milhões de anos para frente ao acessarem a Visão Geral [*Big Picture*], um deslizamento sísmico do tempo geológico para uma anomalia do tempo transcendental. A ilha de Madagascar é cisalhada [*shears away*] do continente africano¹⁹, enquanto, do outro lado do tempo, a Lemúria Ocidental deriva de volta [*drifts back*] para o presente. A continentidade [*continentity*] lemuriana afunda no futuro distante, deixando a ilha vermelha com seu povo lêmure abandonado. “Qual é o significado de 160 milhões de anos sem tempo? E o que o tempo significa para os lêmures a forragear?” (BURROUGHS, 1991, p.16-17).

O tempo se cristaliza, à medida que contrações concêntricas tomam conta da massa espiralada. Das

¹⁹ De acordo com o consenso científico atual, o número de 160 milhões de anos de Burroughs é exagerado. A história geológica de Burroughs é, no entanto, reconhecidamente moderna, sem referência à subsidência continental. Com a submersão da hipótese da Lemúria, entretanto, a presença de lêmures em Madagascar torna-se intrigante. Os lêmures têm apenas 55 milhões de anos, ao passo que atualmente acredita-se que Madagascar tenha se separado do continente africano há 120 milhões de anos.

profundezas das eras do lento Pânico²⁰, eles veem o “Povo da Fissura [*Cleft*], formulado pelo caos e pelo tempo acelerado, lampejar através de cento e sessenta milhões de anos até a Ruptura [*Split*]. De que lado você está? Tarde demais para mudar agora. Separados por uma cortina de fogo” (BURROUGHS, 1987, p.54).

Os Lêmures Fantasma de Madagascar se abre para a Fenda, “a ruptura entre o selvagem, o atemporal, o livre, e o domesticado, o temporalmente-vinculado [*time-bound*], o amarrado [*tethered*]” (BURROUGHS, 1991, p.13), conforme um lado “da fenda derivou [*drifted*] em direção à inocência encantada e atemporal” e o outro “se moveu inexoravelmente em direção à linguagem, ao tempo, ao uso de ferramentas, ao uso de armas, à guerra, à exploração [*exploitation*] e à escravidão” (BURROUGHS, 1991, p.49).

De que lado você está?

À medida que o tempo se enrijece, A Cúpula se aproxima do povo lêmure, de uma chance que já passou, um fantasma de chance, uma chance que já está morta: “os que poderiam ter tido uma chance em um bilhão e perderam”. (BURROUGHS, 1991, p.18). Exterminar os brutos. ... “Mission sabe que uma chance que ocorre apenas uma vez em cento e sessenta milhões de anos foi perdida para sempre” (ibid., p.21) e Burroughs acorda gritando de sonhos de “lêmures mortos espalhados pelo povoado...” (ibid., p.7)²¹.

²⁰ Burroughs comenta sobre Mission: “Ele próprio era um emissário do Pânico, do conhecimento que o homem teme acima de tudo: a verdade de sua origem” (BURROUGHS, 1991, p.3).

²¹ Burroughs sai da órbita da Magia Branca à medida que seus compromissos com os lêmures se fortalecem – para a Cúpula, seu apoio à causa da conservação dos lêmures (o *Lemur Conservation Fund*) deve ter sido a provocação final e intolerável.

De acordo com Kaye, todos os que estavam “por dentro” sabiam dos pesadelos e tinham certeza de que eles vinham de um lugar real. Nisso, como em muitas outras coisas, a reconstrução de Kaye do evento de 1987 dependia fundamentalmente de *Os Lêmures Fantasma de Madagascar*, um relato que ele citava como se fosse um registro estritamente factual, até mesmo um texto sagrado. Ele explicou que essa postura interpretativa havia sido altamente desenvolvida pela Cúpula, já que respeitar a realidade das não-atualidades é essencial quando se trava uma guerra em ambientes profundamente virtualizados: em espaços repletos de abstrações influentes e outras coisas fantasmagóricas. Kaye considerava Bradley Martin, por exemplo, totalmente real. Ele o descreveu como um indivíduo contemporâneo identificável – trabalhando como um agente da “Cúpula” – cuja tarefa era selar a “estrutura antiga” que fornece acesso à Fenda.

A Cúpula sabia há muito tempo que a biblioteca de Vysparov continha uma cópia antiga de *Os Lêmures Fantasma de Madagascar*, que se datava com as palavras “Agora, em 1987” (BURROUGHS, 1987, p.118). Ela estava catalogada lá desde 1789. O texto era uma autodeclarada abominação temporal, exigindo correção radical. Ele desconsiderava princípios fundamentais de sequência e causalidade, alinhando-se abertamente com o povo lêmure.

O que a Cúpula precisava era de um beco sem saída. Burroughs era uma escolha óbvia, por vários motivos. Ele era sensível a transmissões, receptivo à misoginia e ao chauvinismo-mamífero, socialmente marginalizado e controlável por meio de drogas [*junk*]. Eles estavam confiantes, lembrou Kaye, de que a futura “estória” de 1987 ficaria

“perdida entre as ficções auto-marginalizadoras de uma bicha drogada em ruínas [*crumbling junky fag*]”.

Por fora, isso funcionava como um disfarce, mas os Insiders tinham uma tarefa ainda mais essencial. Eles haviam herdado a responsabilidade de aplicar a Lei do Tempo e da OGU: Defender a integridade da linha do tempo. Essa Grande Tarefa [*Great Work*] envolvia acordos aterrorizantes. Kaye citou a máxima hermética: A obediência estrita à Lei desculpa transgressões graves. “Eles estão falando de Cronomancia Branca”, explicou ele, “a vedação de distúrbios temporais descontrolados [*runaway time-disturbances*] dentro de loops fechados”²². O que Mission havia liberado, Burroughs havia amarrado [*bound*] novamente. Foi assim que pareceu à Cúpula em 1987, com o círculo aparentemente completo.

Confiante de que o fechamento transcendental do tempo estava sendo alcançado, a Cúpula se apropriou do texto como o registro de uma intuição precognitiva, uma profecia que poderia ser garimpada por informações. Ela confirmou seu imperativo primário e sua doutrina básica, prevendo o triunfo final da OGU e a erradicação total da insurgência lemuriana. Mission havia entendido isso muito bem: “Não há clemência, não há concessão possível. Esta é uma guerra até o extermínio” (BURROUGHS, 1991, p.9).

Parece que nunca ocorreu à Cúpula que Burroughs mudaria o final, que seu “beco sem saída” abriria uma estrada

²² A concepção física de “curvas fechadas de tipo tempo” invoca uma causalidade do futuro para fazer do passado o que ele é. Elas funcionam para fazer com que as coisas ocorram como devem. Se esse é o único tipo de viagem no tempo “permitido” pela natureza, então obviamente não deveria exigir uma lei para mantê-la (como a notória “não mate a vovó”). As rigorosas políticas de leis temporais da Cúpula, no entanto, indicam que o problema da “execução temporal” [*time-enforcement*] é, na verdade, muito mais intrincado.

para as Terras Ocidentais²³. Coisas que deveriam ter sido concluídas há muito tempo continuaram a se agitar. Era como se uma coincidência post-mortem ou uma influência da não-vida [*unlife*] tivesse se reanimado vortexalmente [*vortically*]. Ocorreu uma estranha duplicação. Burroughs o intitulou *The Ghost of Chance* [O Fantasma do Acaso], mascarando o retorno dos Antigos [*Old Ones*] com palavras aparentemente inócuas: “As pessoas do mundo estão finalmente retornando à sua origem em espírito, de volta ao pequeno povo lêmure...” (BURROUGHS, 1991, p.54) A Cúpula não tinha dúvidas – esse era um retorno ao verdadeiro horror.

No entanto, Kaye insistiu que, para aqueles que têm olhos para ver, *Os Lêmures Fantasmagóricos de Madagascar* anunciou sua destinação lemuriana turbular desde o início, e suas palavras finais estão “perdidas sob as ondas” (BURROUGHS, 1987, p.118).

As palavras finais do próprio Kaye para a Ccru, escritas em um pedaço de papel, no qual ele havia rabiscado apressadamente com uma mão aracnídea que já indicava a maré de insanidade que se aproximava, permanecem consistentes com essa conclusão insatisfatória: “Do outro lado da fenda temporal, o encerramento [*termination*] se confunde com os turbilhões de uma corrente espiral latente”.

²³ “A estrada para as Terras Ocidentais é, por definição, a estrada mais perigosa do mundo, pois é uma jornada para além da Morte, para além do padrão divino básico [*basic God standard*] de Medo e Perigo. É a estrada mais bem guardada do mundo, pois dá acesso ao dom que supera todos os outros dons: a Imortalidade”. (BURROUGHS, 1988, p.124)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAVATSKY, H. P. **The Secret Doctrine**: The Synthesis of Science, Religion and Philosophy. London: The Theosophical Publishing House, 1888.
- BURROUGHS, W.S. **Nova Express**. New York: Grove Press, inc., 1965.
- BURROUGHS, W. S. **Dead Fingers Talk**. London: Tandem, 1970.
- BURROUGHS, W. S. **Ah Pook is Here**. London: John Calder, 1979.
- BURROUGHS, W.S. **Cities of the Red Night**. New York: Picador, 1981.
- BURROUGHS, W.S. The Ghost Lemurs of Madagascar. **Omni Science Fiction**, n.103, p.48-54 e 118, 1987. Disponível em: <https://www.williamflew.com/omni103a.html> Acesso em: 20/03/2025.
- BURROUGHS, W.S. **The Western Lands**. New York: Penguin Books, 1988.
- BURROUGHS, W.S. **Ghost of Chance**. New York: High Risk Books, 1991.
- BURROUGHS, W. S. **Letters of William Burroughs**. New York: Viking, 1993.
- BURROUGHS, W. S. **Word Virus**: The William S Burroughs Reader. New York: Grove Press, 1998.
- BURROUGHS, W.S. **Last Words**: The Final Journals of William S. Burroughs. New York: Grove Press, 2000.
- CCRU. Lemurian Time War. *Em*: SCHNEIDERMAN, D.; WALSH, P. (Eds.). **Retaking the Universe**: William S. Burroughs in the Age of Globalization. London: Pluto Press, 2004. p. 274–291.
- CCRU. The Templeton Episode. *Em*: CCRU. **Digital Hyperstition: Abstract Culture (v.4)**. London: Ccru, 1999, p.51-52.
- LEVI, E. **The History of Magic**: Including a clear and precise exposition of its procedure, its rites and its mysteries. 2nd ed. London: William Rider & Son, Limited, 1922.

SPRAGUE DE CAMP, L. **Lost continents:** The Atlantis theme in history, science, and literature. New York: Gnome Press, 1954. p. 392.

STEINER, R. **The Submerged Continents of Atlantis and Lemuria:** Their History and Civilization. London: Theosophical Publishing Society, 1911.